

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Santo. **Diálogo sobre a felicidade**. Lisboa: Setenta, 1992.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Mário da Gama Kury, 4. ed. Brasília: Universitária, 2001.
- BOSCH, Philippe Van Den. **A Filosofia e a felicidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- GIANNETTI, Eduardo. **Felicidade: diálogos sobre o bem estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HAYES, Steven. Não fuja da dor. **Revista Veja**, São Paulo, n. 21, p. 13-15, 10 mar. 2006.
- MONDIM. Batista. **Curso de Filosofia: os filósofos do ocidente**. 9. ed. São Paulo: Paulus, 1999. v. 1
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: antiguidade e Idade média**. 6. ed. São Paulo: Paulus, 1990. v. 1
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. rev. e ampl. de acordo com a ABNT. São Paulo: Cortez, 2002.
- SOUZA, José Zacarias de. **Agostinho: buscador inquieto da verdade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- TELES, Maria Luiza Silveira. **Filosofia para jovens: iniciação a Filosofia**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

Revisado por

No passado, as pessoas aprendiam a se decepcionar e a aceitar suas fraquezas de maneira saudável.

Um exemplo: as tradições religiosas que antes tinham grande aceitação: os fecheis jejuavam porque essa era uma forma de simular a dor dos antepassados ou de um salvador, o outro motivo é a ditadura da felicidade superficial, hoje você diz as crianças que elas devem se sentir bem (dia e noite) e se elas não conseguem é porque há algo errado. O resultado é que elas se tornam incapazes de lidar com o desconforto de uma forma saudável e no futuro essas serão mais vulneráveis a problema de saúde mental. Que tipo de felicidade se deve buscar? As pessoas precisam definir o que realmente querem durante a sua vida, descobrir quais são seus valores e de acordo com eles, isso é ser feliz.

Para muitos, significa ajudar os outros e sentir-se útil para a sociedade. Mas não somos felizes o tempo todo. Vamos imaginar uma situação de dor extrema: um parto, tanto sofrimento, mas quando a mãe vê aquele bebezinho lindo é uma alegria (felicidade). Concluimos que ao evitar algo doloroso perdemos a oportunidade de um envolvimento real com o que acontece ao nosso meio e de ir atrás do que desejamos. E ao buscar certos recursos, corre o risco de tornar a dor inevitável transformando a vida em um profundo sofrimento, ou seja, em um espiral infinito de sofrimentos. Evitar os sentimentos dolorosos e rejeitar nossa vida e aceitá-los como parte de uma existência.

Em geral as mulheres tendem a ter mais depressão, por uma questão cultural e educacional, elas são estimuladas a agir passivamente (frágil) ao lidar com emoções negativas. Quando tentamos não sentir o que estamos sentindo é o que se sente ainda mais. Que tipo de vida quer ter e temos que conquistá-la, sem permitir que o medo de sentir dor o desvie de nossos objetivos, mas quem deseja ser feliz deve procurar um bem permanente, pois em nenhum instante podemos possuir aquilo que é passageiro, não traz a felicidade.

O que seria da luz sem trevas dá rosa sem espinhos ou da alegria sem a tristeza. Nada teria sentido porque a razão de nossa existência está em nossas lutas, na vontade de viver e construir nossa própria felicidade... Só assim saberemos dar valor às nossas conquistas, lute sempre para alcançar seus objetivos e cada obstáculo servirá apenas de incentivo para conseguir seus ideais... sorria ...

segundo Aristóteles, onde se encontra a felicidade suprema é na atividade contemplativa. Vive feliz quem procura servir com amor sem esperar recompensas.

O importante é fazer bem feito o bem que se faz.

Hoje em dia, vivemos atordoados pelo caos da superficialidade, numa sociedade sem conteúdos muita gente tem um conceito distorcido de felicidade. O mais comum é vê-la como ausência de dor e como uma continuidade de momentos nos quais sentimos bem. É fácil preencher nossa vida com episódios efêmeros de bem-estar, como por exemplo: beber uma boa cerveja ou ir a uma festa.

São diversões que podem trazer satisfação momentânea (algo passageiro), mas no dia seguinte a vida não estará melhor e pode ser que algo de ruim aconteça.

Todos nós sabemos que um dia vamos morrer, todos nós lembramos da perda de um ente querido de algum erro que cometemos, de ficarmos doentes. O homem distingue-se de outras criaturas pela sua faculdade de usar suas habilidades cognitivas para lembrar os erros e infortúnios do passado e temer as incertezas do futuro. Sendo assim, o normal é sentir dor e sofrer como afirma Hayes. “As artimanhas que usamos para escapar da aflição nos desviam de nossos objetivos de vida, e por eles que vale a pena viver” (HAYES, 2006, p. 13).

Quando desviamos da dor estamos deixando algo que faz parte da nossa vida, ou seja, uma vida repleta de sentidos.

Ao tentarmos evitar a dor, criamos uma série de medos e fobias, que aumentam ainda mais o sofrimento. Pois o conceito de que felicidade é como a ausência de sentimentos ruins, nos leva a reagir à dor de um jeito que limita nossa vida, só piora as coisas. Por isso deixamos de buscar novos relacionamentos, evitar lugares que tragam lembranças do passado ou situações desagradáveis. Em casos extremos como na depressão quem tenta evitar a dor começa a ficar entorpecido passando a sentir um vazio profundo. Muitos suicídios são um último esforço para acabar com a dor, já não agüento mais sofrer. Não sabemos se depois de mortos não sentimos mais nada. Nas últimas décadas vemos uma série de doenças psicológicas: depressão, distúrbio bipolar, ansiedade, síndrome do pânico, transtornos de humor obsessivo compulsivo, estress pós-traumático.

No mundo moderno esse processo é intensificado por dois motivos. Com a tecnologia, tudo se torna mais fácil, somos pressionados a acertar sempre e a conseguir tudo que almejamos. Por isso, temos dificuldade em lidar com nossos limites e com os percalços do cotidiano.

“O homem para ser feliz precisa de amigos. A amizade não é somente necessária, ela é também nobilitante, pois louvamos as pessoas amigas de seus amigos e pensamos que uma das coisas mais nobilitantes é ter muitos amigos, além disso, há quem diga que a bondade e a amizade se encontram nas mesmas pessoas” (ARISTÓTELES, 201, p. 154).

Sendo assim o homem feliz e virtuoso precisa ser amigo de sua mente. Além da amizade que é nobilitante, ser humano precisa ser livre no sentido proferir, julgar e analisar. “Só pode ser feliz o homem que é verdadeiramente livre, que pode escolher sem coerção seu modo de vida.” A vida digna de um homem livre é a vida dos estudos (Aristóteles *apud* BOSCH, p.192).

A filosofia através da reflexão torna mais viva a luz interior que existe em cada um de nós, levando o ar em busca do conhecimento, para nossa auto-realização. A razão é o recurso que possibilita ao ser racional alcançar verdadeira felicidade como dizia Aristóteles, pois é ela que controla perfeitamente nossas ações, com a virtude. Através da razão também pensamos e dominamos todas as outras formas de vida, nos diferenciamos e dirigimos nossos sentimentos pela reflexão. A reflexão garante a cada um de nós percorrer o próprio caminho, construindo a vida com sentido, pois reflexão é uma espécie de movimento de volta a si mesmo executado pelo espírito que põe em conta os conhecimentos que possui.

A felicidade chega somente onde há contemplação e as pessoas que são capazes de exercer e cultivar essa atividade virtuosa que é própria do ser humano são as que mais desfrutam da felicidade. Usando a razão, o homem estará realizando seu papel de homem. O qual consiste no exercício do pensamento, o intelecto é a “parte elevada” a atividade perfeita, que nos conduz a contemplar, nada mais é uma atividade da alma, própria da inteligência humana.

Compreendi que a felicidade é um algo que se conquista, de modo que se deve cultivá-la durante todo o transcurso de nossa existência desde a mais terna juventude até a idade mais avançada, é como que vai se agregando, mas nunca está pronta e acabada.

Para se ter uma vida feliz tem que estar adornado de virtude, repleto de nós mesmos e da felicidade perfeita e livre para contemplar essa atividade que é natural ao homem, mas ele só poderá ser livre se exercer sua missão de ser humano que

CONCLUSÃO

Concluimos que a felicidade é algo que necessitamos por natureza, pois não é algo que escolhemos como um livro de romance, um namorado... e mais ainda todos nós nascemos com direito a ela, mora no interior de cada um.

Aristóteles preocupa-se acima de tudo com o bem humano. Essa boa vida que todo ser humano deseja, é que chamamos de felicidade, que se refere a certa forma de viver, não se trata de um estado, mas sim, de uma atividade do homem, mas essa atividade deve seguir certas normas coerentes com a natureza humana, essa natureza necessita da virtude.

O objetivo final de nossa vida é alcançar a felicidade. Mas precisamos viver racionalmente. Um viver de acordo com a virtude que se encontra no meio termo entre o excesso e a deficiência (falta).

Tornamo-nos virtuosos através da educação, ou seja, através da prática, com a repetição de uma série de atos sucessivos. Pois é fazendo que nós aprendemos a fazer as coisas que são necessárias aprender antes de fazer. Assim nos tornamos justos realizando atos justos. Pelo hábito adquirimos a virtude da justiça. Essa virtude estabelece a mediação entre o indivíduo e a sociedade, possibilitando a vida feliz para o homem e a *pólis*. A felicidade, que pertence ao homem (cidadão) é a da *pólis*.

O principal é viver sempre segundo a razão através da contemplação, uma atividade da mente, sendo uma vontade infinita de viver com o coração aberto para os sonhos, para o amor, para a esperança, com efeito, a felicidade é encontrada nas pequenas coisas, mas descartando tocar as emoções. Agindo de acordo com a razão o homem torna-se virtuoso e feliz.

A ética para Aristóteles se fundamenta em um bem supremo, a felicidade que é a vida desejável. O bem supremo é o que eu desejo, pratico alguma ação com uma finalidade, pois todos os nossos impulsos, os esforços da nossa mente, todos os nossos atos tendem espontaneamente para esse bem, ou seja, Ele é o fim para qual tendem todas as nossas ações sendo o bem e o melhor dos bens.

Todos nós temos uma tendência natural, uma inclinação para a felicidade, mas nos equivocamos. O meio está ao nosso alcance, a felicidade é a meta, nós não podemos retê-la. Os gregos chamavam a felicidade de eudaimonia.

exclusivamente de nós mesmos, daí que Aristóteles considere também a importância de outros bens para a obtenção da felicidade tais como a saúde do corpo ou certos bens econômicos.

eudemonistas os sistemas que fazem com que a felicidade consista em algo diferente do mero prazer, honra riqueza. A ética aristotélica é a mais representativa desse tipo de ética.

Se a felicidade é uma atividade de acordo com a virtude (mais suprema), e essa será uma atividade da parte melhor do homem (essência). Seja o intelecto ou qualquer outra coisa o que por natureza, parece mandar e dirigir e possuir o conhecimento dos objetos nobres e divinos, sendo esse mesmo divino ou a parte mais divina que existe em nós, sua atividade de acordo com a própria virtude será a felicidade perfeita. Essa atividade é contemplativa, e a mais excelente (pois o intelecto é o melhor que existe em nós, e está relacionado ao melhor que existe nos objetos cognoscíveis); também é a mais contínua, pois somos mais capazes de contemplar continuamente do que de realizar qualquer outra atividade. E pensamos que o prazer deve estar misturado com a felicidade, e todo o mundo está de acordo em que o mais agradável de nossas atividades é a atividade em concordância com a sabedoria certamente. Considera-se que a filosofia possui prazeres admiráveis em pureza e em firmeza e é razoável que os homens que sabem passem seu tempo mais agradavelmente do que os que investigam. Além disso, a tal autarquia se aplicará, sobretudo, a atividade contemplativa, embora o sábio e o justo necessitem, como os outros, das coisas necessárias à vida, mas apesar de estar suficientemente provido delas, o justo necessita de outras pessoas para as quais e com as quais praticar a justiça, e o mesmo vale para o homem moderado, o corajoso e todos os outros, em troca, o sábio mesmo estando sozinho, pode teorizar e quanto mais sábio, mais teorizará, talvez seja melhor para ele ter colegas, mas ele é aquele que mais se basta a si mesmo. Essa atividade é a única que parece ser amada por si mesmo, pois nada se extrai dela, a não ser a contemplação, enquanto que das atividades práticas obtemos, em maior ou menor grau, outras coisas além da própria ação. Aristóteles define a felicidade como “uma atividade da alma conforme a virtude perfeita” (REALE, 1990, p. 2).

Sendo o ser humano, um animal racional, a felicidade consistirá na perfeição daquilo que especificamente o constitui, isto é, a inteligência e a razão. A atividade contemplativa é a forma mais perfeita de felicidade. Para que seja boa, a atividade deve estar adequada à virtude: um hábito que nos permite adquirir como segunda natureza uma disposição permanente para escolher o mais adequado, em cada caso, a nossa felicidade. Por outro lado, nem toda a nossa felicidade depende

melhor e a mais agradável, pois a razão más que qualquer outra coisa é o homem”(ARISTÓTELES, 2001, p. 190).

O homem é principalmente razão, mas não é apenas razão, pois na alma há algo de estranho à razão, que ela se opõe e resiste, mas que participa da razão. A parte vegetativa não participa em nada da razão já a capacidade do desejo e do apetite participa enquanto (escuta e obedece), pois o domínio da parte da alma, do comportamento é a virtude ética.

O ser humano não nasce virtuoso, ele torna-se virtuoso através do hábito de praticar boas ações: “como, por exemplo, tornamos-nos construtores, construindo (...) assim realizando das ações justa, tornamo-nos justos, realizando ações corajosas, corajosos (...)” (Aristóteles *apud* REALE, 1990, P. 204).

Finalmente, posto que existe em nós uma alma puramente racional ou uma virtude própria dessa parte da alma, que é virtude dianoética ou intelectual, ou seja, a perfeição da alma, a sabedoria e a sapiência. A sabedoria consiste em dirigir bem a vida do homem, ou seja, em deliberar de modo correto acerca daquilo que é bem ou mal para o homem (coisas mutáveis). Já a sapiência é o conhecimento daquelas realidades que estão acima (realidades imutáveis). É preciso no exercício desta última virtude, que constitui a perfeição da atividade contemplativa, que o homem alcance a felicidade máxima, quase uma tangência com o divino, mas uma vida desse tipo seria muito elevada para o homem ele não viverá assim enquanto homem, mas enquanto há nele algo de divino. Em relação ao homem, o intelecto é uma realidade divina e também a atividade segundo o intelecto será divina em comparação com a vida humana.

Segundo Aristóteles (2001) a felicidade chega com a contemplação, e as pessoas que são capazes de cultivar e exercer essa atividade de (contemplar) são as mais felizes. A felicidade perfeita (suprema) não necessita somente da dominação dos desejos e da vontade, mas necessita também da mais elevada atividade humana a contemplação intelectual.

Nossa felicidade depende essencialmente de uma virtude toda interior, a que Aristóteles chama de magnanimidade (orgulho e respeito próprio). Somos independentes do que os outros falam.

O termo “eudemonismo” tem origem numa das palavras que em grego significam eudaimonía. Num sentido amplo, são eudemonistas os sistemas filosóficos que resumem o bem na felicidade, ou seja, num sentido mais restrito, são

vida. A felicidade é a atualização das potências da alma humana de acordo com a racionalidade. Sendo assim, por ser uma atividade conforme a virtude ou a excelência, não é uma posse ou uma maneira de ser conseguida de uma vez por todas, mas um agir que dura a vida inteira.

O homem através do pensamento adquire conhecimento que faz dele um ser capaz de julgar, analisar, distinguir bem todas as coisas. Quem pratica essas ações, vive bem e feliz. Um fator interessante é que a felicidade é auto-suficiente através da razão. Podemos aprender a ser feliz, e o homem é diferenciado de todos os outros seres vivos na face da terra como escreve Aristóteles nesta mensagem exemplar:

“O bem supremo realizável pelo homem (e, portanto, a felicidade) consiste em aperfeiçoar-se enquanto homem, ou seja, naquela atividade que diferencia o homem de todas as outras coisas. Assim não pode consistir o simples viver como tal, porque até os vegetativos vivem, nem mesmo viver na vida sensitiva, que é comum também aos animais. Só resta a atividade da razão. O homem que quer viver bem deve viver sempre segundo a razão: Se estabelecemos como função própria do homem certo tipo de vida e como função própria do homem de valor o concretizá-la bem e perfeitamente... então o bem do homem consiste em uma atividade da alma segundo a sua virtude e, quando as virtudes são mais de um segundo a melhor e a mais perfeita. Mas é preciso acrescentar em uma vida completa. Com efeito, uma só andorinha não faz verão nem um só dia da mesma forma, um só dia não faz nenhum homem, bem-aventurado ou feliz” (Aristóteles *apud* REALE, 1990, p. 203).

Essa atividade tem que submeter a certos critérios mantendo um equilíbrio, para Aristóteles possuí-lo pode ser chamado de virtude.

Julgar, discernir e compreender. A razão é própria do ser humano e é através dela que o homem age pelo meio-termo, ou seja, age de acordo com a justa medida entre o excesso e a falta.

A felicidade encontra-se numa atividade constante da mente humana. O homem para ser feliz precisa fazer uso da sua razão através da contemplação, ou estar sempre colocando seu intelecto em atividade por meio da sua faculdade de raciocinar, refletir e analisar. Como já mencionei sobre a riqueza, a honra... mas apesar de serem necessários para que o homem tenha uma vida saudável, não constituem a felicidade.

A verdadeira felicidade ou o “sumo bem” como a chamava Aristóteles, é fruto da razão que é a essência do homem. “...para o homem a vida conforme a razão é a

que desejo, pratica alguma ação com uma finalidade, sendo o bem o melhor dos bens que o próprio Aristóteles configura como bem.

Se existe, para as coisas que fazemos algum fim que desejamos por si mesmo é tudo o mais é desejado em função dele, e se nem toda coisa escolhemos visando à outra. tal fim deve ser o bem ou em outras palavras, o sumo bem (Aristóteles, 2001, p. 9).

A felicidade é um bem deste gênero, diferentemente da honra, da riqueza, do prazer e da inteligência, que são buscados como meios para outros fins. [...] Como são muitas as ações, artes e ciência, muitos são também os seus fins o da arte médica e saúde, o da estratégia é a vitória e o da economia é a riqueza (...) (Aristóteles, 2002, p. 9).

Para Aristóteles a amizade é necessária para se ter a felicidade, pois o homem necessita para ser feliz ter amigos que possibilitará a prática da sua virtude, pois sozinho não seria possível beneficiar a ninguém com suas boas obras e ainda ser livre para poder dirigir a própria vida em conformidade com a sua razão.... *em companhia de outras pessoas sua atividade será mais contínua e agradável em si, como deve ser para um homem sumamente feliz* (ARISTÓTELES, 2001, p. 172) e é um ser social e político que não vive sozinho, são animais solitários, ou seja, a felicidade não existe fora do meio social.

A perfeita amizade não seria exatamente aquela em que procura o auxílio ou assistência do amigo e sim à amizade desinteressada. Ela conduz o homem a uma atividade que se predispõe solidária para com todos semelhantes, assim, a amizade é direcionada para um reino já dado e tem como corolário a perspectiva de ser reciprocamente útil a todas as partes. Mas esse não é o modo perfeito de amizade ela deve ser assumida como forma de concórdia do bem comum. Para Aristóteles a amizade supõe convívio, semelhanças, tempos e intimidade, amizade e disposição de caráter, o que justifica a racionalidade na escolha do elenco dos nossos amigos.

Amizade supõe, portanto, um pacto de reciprocidade, de afeição e de generosidade no sentimento.

Aristóteles (2001) se refere à felicidade como uma atividade. Para ele, o bem ético pertence ao gênero da vida excelente e a felicidade é a vida plenamente realizada em sua excelência máxima. Por isso não é alcançável imediata nem definitivamente, mas é no exercício do cotidiano que a alma realiza durante toda a

CAPÍTULO III

A FELICIDADE NA CONCEPÇÃO ARISTOTÉLICA

“A felicidade é uma condição natural do ser humano.”

Aristóteles

Percebe-se que as atividades humanas têm como ponto final o bem, a busca da verdade, o bem é subordinado a outro que faz parte de uma ciência que tem como ponto de vista o homem e a política. “Como toda arte e toda investigação, assim como toda escolha, visam a um bem qualquer e por isso foi dito com firmeza, que o bem é aquilo a que todas as coisas tendem” (Aristóteles, 2001, p. 9).

O homem é um ser vivo necessariamente ativo, sua felicidade consiste em se ele é capaz de ter acesso a ela, não pode consistir num estado passivo.

De acordo com Aristóteles, que com a sistematização do saber, vêm as ciências práticas, que dizem respeito à conduta dos homens e ao fim que eles querem atingir, sejam considerados como indivíduos ou como parte de uma sociedade, ou seja, o estudo da conduta e do fim do homem como indivíduo é a ética; o estudo da conduta e do fim do homem como parte de uma sociedade é a política (Aristóteles *apud* REALE, 1990, p. 201).

A felicidade como toda ciência prática à ética deve determinar a essência do fim a ser alcançado, sendo assim, a essência do agente e das ações e dos meios para realizá-los. Em outras palavras, deve definir a felicidade a natureza humana, como éthos e as virtudes ou como não pretende apenas conhecer o que seja o bem, mas visa saber como nos tornamos bons.

Por que a felicidade é o conteúdo do bem ético ou a finalidade da ação moral? Um bem é mais perfeito do que outros quando procurado por si mesmo e não em vista de outro algo. Nós buscamos a felicidade pelo bem que ela é em si, e não para alcançar um outro bem. Todas as ações humanas tendem a fins que são bens. O conjunto das ações humanas e o dos fins particulares para os quais elas tendem subordinam-se a um fim último que sabemos que é o bem supremo.

Segundo Aristóteles (2001) a ética se fundamenta em um bem supremo, ou seja, a felicidade. A felicidade para ele é uma vida desejável, o bem supremo é o

Segundo as teorias hedonistas que afirmam que o bem supremo dos homens está no prazer, a amizade, fonte permanente de satisfação, pode ser considerada um dos prazeres da alma.

Epicuro (apud TELES, 2001), refere-se também aos prazeres do corpo, mas é preciso escolher dentre a pluralidade de prazeres àqueles que permitam viver de acordo com a natureza. Platão (apud TELES , 2001),designa que o bem em si é transcendente e o conceito, justa medida que desempenha um papel importante.

caminho para chegar ao bem supremo a eudaimonía. Para Sócrates (apud TELES, 2001), o conhecimento é virtude e a ignorância é vício.

Ele ensina isso também com a frase: “só sei que nada sei”. Só quem reconhece que não sabe procura saber, pois o conhecimento é uma grande busca, só quem se conhece procura conhecer o caminho da felicidade, conhecer o bem e agir corretamente não deixando de praticá-lo.

Por outro lado, Santo Agostinho (1999) preocupava-se em saber se temos ou não noção de felicidade armazenada em nosso intelecto, porque se isto acontece é sinal de que já fomos felizes. Pergunta também se fomos felizes individualmente, ou somente aqueles homens que primeiro pecaram, ou que todos morremos ou nascemos na felicidade ou na infelicidade. Para ele a felicidade está em Deus e não na ciência, ou seja, quem possui a Deus é feliz já aquele que tem seus pecados e se afasta de Deus é infeliz. Kant (apud MONDIM, 1999), definia a felicidade como parte integrante do bem supremo que não é realizável no mundo natural, ou seja, nada garante neste mundo a perfeita proporção entre moralidade e felicidade em que consiste o bem supremo, sendo que nada garante a satisfação plena de todos os desejos e tendência do ser racional. Em que consiste a felicidade?

Locke (apud MONDIM, 1999), percebe-se que a felicidade é o prazer de sermos capazes e que a infelicidade pode ser o maior sofrimento. Sendo assim, o grau maior pode ser denominado de felicidade. Para Leibniz (apud MONDIM, 1999), é um prazer durável, o que não poderia acontecer sem o progresso contínuo em direção a novos prazeres.

Para Russel (apud MONDIM, 1999), a felicidade é uma condição que ele julga necessária: a multiplicidade dos interesses, das conexões do homem com as coisas e com os outros, trata-se de como que coloca a felicidade, imposição proposta a da auto-suficiência do sábio, que os antigos consideravam os graus mais elevados da felicidade. Enquanto, para Spinoza (apud MONDIM, 1999), a verdadeira felicidade está em acordo com o agir segundo a razão (é uma parte do infinito intelecto de Deus). Do conhecimento de Deus, nasce o amor intelectual a Ele, e é exatamente neste amor que consiste a felicidade humana, ou seja, não amor constante e eterno a Deus. Já para Pascal (apud MONDIM, 1999), partindo do pressuposto que a felicidade é inovação do ser racional.

CAPÍTULO II

A FELICIDADE E A FILOSOFIA

“Eu estou renascendo. Cada nova manhã é o momento de recomeçar a viver (...) Isto não significa uma rotina mecânica, mas algo essencial para minha felicidade.”

Pablo Casals

A Filosofia ajuda o homem a analisar os elementos que compõem a sua existência como ser no mundo, isto porque há em cada homem uma inquietação ela é congênita, uma ânsia pelo saber intelectual, pois Filosofia é a busca da verdade uma procura que realiza através de um trabalho de reflexão. O filósofo tenta descobrir um saber que indique os verdadeiros meios de alcançar a felicidade.

O filósofo é livre, é amigo, é virtuoso, o mais importante, usa sua razão e está sempre exercendo sua atividade contemplativa. Sendo assim é o mais feliz dos homens.

Demócrito (apud REALE; ABTISERI, 1990) diz que a felicidade é como a medida do prazer e a proporção da vida, que era manter-se afastado dos defeitos e dos excessos; sendo que somente a alma é morada do destino. A analogia que estabelece entre felicidade e prazer têm o mesmo significado, sendo a conexão entre a atividade definida como felicidade é a analogia com o próprio corpo com as coisas, ou seja, com o ser humano enquanto Tales pensa que seja feliz quem tem corpo forte e alma bem formada (sadia). E quem goza de boa sorte e sucesso, que são os elementos da felicidade.

De acordo com a ética socrática, felicidade é que o ser humano conheça a si próprio, pois para Sócrates (apud TELES, 2001): “conheça-te a ti mesmo”, sendo assim o ponto de partida para a felicidade é conhecer-se a si mesmo. A ética socrática é baseada na tentativa de uma compreensão do homem. A felicidade de cada um parte de si próprio, virtuosa é a pessoa consciente de si mesma e esta é capaz de encontrar a verdade que a torna livre, amiga e feliz, pois a verdade é de ser o que é a caminho da felicidade.

Essa pessoa só poderá ser realmente o que ela é se tiver um reconhecimento de si própria, só conhecendo a si mesmo que o ser humano pode visualizar o

natureza, porque a riqueza é apenas meio para outras cousas, não valendo como fim.

Aristóteles (2001) esclarece que hoje o homem pode possuir uma riqueza, amanhã talvez não, quem sabe. Ele só deseja com o interesse de bens materiais seja carro, fazenda ou até mesmo status, pois querem fazer parte da classe alta, da elite de uma sociedade, por isso necessitam do dinheiro. Com efeito, qualquer cidadão pode ser feliz sem possuir muito dinheiro, praticando atos nobres. Aristóteles não desprezava totalmente a idéia de riqueza, o homem necessita de certa quantidade de bens materiais para sua sobrevivência. E ainda para dedicar a contemplação.

Aristóteles (2001) afirma que o prazer vem acompanhar uma atividade; conhecer, pois é fonte de verdadeiro prazer, quem não sente algo em conhecer algo novo. Para alguns homens, a felicidade é o prazer e o gozo. Mas a vida gasta para o prazer e vida que nos torna semelhantes "aos escravos, sem liberdade, vida digna dos animais".

Aristóteles junta a ação de conhecer (que é um acompanhamento) com os prazeres preciosos que são os prazeres ligados à atividade contemplativa, de fato os prazeres que vêm através do lugar, do meditar, da reflexão, do ato de pensar, ou seja, dos prazeres derivados do pensar e do estudo nos fazem pensar e prender ainda mais.

Todos sentem alegria e prazer ao exercitar os olhos, os ouvidos e os sentidos para descobrir o mundo. Sendo assim sentem prazer como uma bússola. O conhecimento vem preencher um desejo fundamental do homem (ARISTÓTELES apud BOSCH, 1998, p. 190).

- O Tratado da alma (Psicologia);
- A Política e a Retórica (arte);
- A Poética (história);
- Ética a Nicômaco;

Comentário:

O enfoque é sobre a Ética a Nicômaco em que Aristóteles define o bem como aquilo que todos aspiram e não como o que deveriam aspirar, ou seja, o bem é a concretização de uma natureza.

Noções de Felicidade

Um bem é mais perfeito do que outros pelo seu papel de auto-suficiência, sendo assim, quando a escolhemos por ele mesmo e não em vista de outro algo. Sabemos que esse bem é mais perfeito do que qualquer outro. E a felicidade é um bem desse gênero, pois ela não é buscada em vista de outros. Mas, o que é a felicidade?

A maioria das pessoas pensa que seja algo como honra, riqueza e prazer, pois cada um é de uma maneira e pensa de um jeito, sendo assim, seria impossível definir a felicidade, pois ela é algo particular de cada um. Para Aristóteles (2001) a honra é “algo exterior e é concedido a nós por autoridades”... Ao passo que deveria ser algo intrínseco como dizia Aristóteles.

Portanto, isso parece ser demasiadamente superficial para ser o que buscamos, visto que a honra depende mais de quem a concede que se quem a recebe ao passo que nos parece que o bem é algo próprio de um homem e que dificilmente lhe poderia ser arrancado (ARISTÓTELES, 2001, p. 12).

Para muitos, a felicidade é a honra, já para o homem antigo a honra correspondia ao que é sucesso para o homem de hoje. Mas a honra é algo extrínseco que em grande parte depende de quem a confere e de quem concede a honra ao outro. E de qualquer maneira, vale mais aquilo pelo qual se merecer a honra do que ela própria, que é resultado e consequência.

Para certas pessoas a felicidade está em cumular bens. Mas essa para Aristóteles é a mais absurda e idiota das vidas, chegando mesmo ser vida, contra a

Do mesmo modo que a Academia, o Liceu também praticava a vida comunitária, mas a disciplina escolar era mais rígida do que na escola de Platão. Todas as manhãs, Aristóteles dava as aulas sobre os assuntos filosóficos mais difíceis aos alunos mais adiantados (eram os cursos chamados de acromáticos), à tarde e à noite dava lições abertas para um público sobre as questões de retórica e dialética (eram os cursos exotéricos). Esses dois tipos de cursos eram acompanhados por Teofrasto e Eudemo, que faziam o papel de monitores e também anotando o que Aristóteles dizia para depois escrever uma obra.

A diferença entre os dois tipos de cursos não era de caráter religioso ou místico, mas devia-se ao fato de que matérias mais abstratas, como Lógica Física, Matemática e Teologia, exigiam estudos mais profundos (pequeno número) enquanto as questões da retórica e dialética em Atenas atraíam um público maior, não precisava de grande preparo.

Foi nesse período que Aristóteles compôs suas obras mais importantes e recolheu os conhecimentos que existiam em toda a Grécia, colecionou, numa biblioteca, centenas de manuscritos e mapas, e criou um museu para ilustrar as aulas com espécimes de plantas e animais, recolhidos em todo o império de Alexandre. Fixou uma classificação das ciências por ordem de complexidade, (currículo escolar do Liceu) e essa classificação é o que permanece no pensamento ocidental, até nossos dias. Após a morte de Alexandre, o Grande, começou a ser perseguido em Atenas, refugiando-se em Cálcis na Eubéia.

Dizia que não queria dar aos atenienses, ocasião para pecarem uma segunda vez contra a Filosofia, pois a primeira, fora com relação à morte de Sócrates. Aristóteles veio a falecer no ano de 321 a.C. em Cálcis, com 63 anos de idade, mas seus escritos o mantêm vivo e auxiliam muitos na sistematização da Filosofia e, até os dias atuais, é considerado junto a Platão, um dos alicerces da organização do pensamento ocidental. Nesse mesmo ano (321) Demóstenes, desgostoso com os conluíus atenienses e macedônios, suicidou-se.

Essas duas mortes são emblemáticas: testemunham o declínio e o fim da pólis, a cidade independente, que tanto Aristóteles como Demóstenes consideravam a forma mais alta e perfeita da vida política.

Suas principais obras:

- Escritos Lógica e Física;

CAPITULO I

ARISTÓTELES: DEFINIÇÕES ANTERIORES DA FELICIDADE

“Uma vida sem busca não é digna de ser vivida”.

Sócrates

Aristóteles nasceu na pequena cidade de Estagira (hoje Stárvos) na Grécia em 384 a.C. sua mãe, Festis era originária de Cálcis, seu pai Nicômaco, era médico, da corte do Rei Amintas II, da Macedônia e, como tal pertencia a uma família e a uma corporação médica. Perdeu o pai com a idade de sete anos e foi educado pelo tio e tutor, Proxeno. Recebeu do pai e do tutor o início da formação em Medicina, pois sendo um Asclepiado, estava destinado a seguir o mesmo ofício de seu pai. Muitos atribuem a esses primeiros anos de formação o interesse que Aristóteles manifestara durante toda sua vida em sua obra pelas coisas da natureza, pela biologia, pelo estudo das plantas e dos animais, dos astros e da alma.

Ainda na adolescência, aos dezoito anos, Aristóteles transfere-se para Atenas, pois na época era para esta cidade que os jovens procuravam ir para terem uma boa formação. Onde passará a freqüentar a academia de Platão (Ciências Matemáticas). Aí permaneceu durante vinte anos (347 a.C.) até a morte do mestre, cujo pensamento o influenciou e, ainda que possuísse um gênio próprio e muito independente e que viesse a criticar Platão.

Após isso, deixou a academia e acabou por casar se duas vezes, obtendo um filho com Hérpelis, a segunda mulher, ao qual dera o nome de seu pai, Nicômaco. Quando Alexandre subiu ao trono e iniciou a conquista do oriente, não sabemos que educação Aristóteles ministrou a Alexandre, ele permaneceu durante algum tempo em pela...

Aristóteles assim terminou por voltar a Atenas, fundando lá uma escola – Liceu, por se localizar perto do templo de Apolo Lício (o lugar preferido de Sócrates).

Também era conhecida como escola peripatética, pois em seu peripatos (passeios) os estudantes caminhavam e debatiam sobre os assuntos dos cursos (Filosofia).

Capítulo I – Aristóteles: Definições anteriores da Felicidade.

Uma breve apresentação de sua biografia, de suas obras do contexto histórico em que viveu. A tese de que a felicidade é o bem supremo, foi sustentada varias vezes ao longo da historia do pensamento ético. Foi Aristóteles quem primeiro sustentou que é o mais alto dos bens e que todos os homens almejam a felicidade.

Muitos consideravam, como sendo a felicidade: honra, riqueza e prazer. Aristóteles vem dizer que todos são meios e não fins. Para ele isso não leva a verdadeira felicidade, mas sim uma falsa felicidade.

Capítulo – II – A Felicidade e a Filosofia.

Filosofia quer dizer em grego amor pela sabedoria e essa sabedoria é o método da felicidade que significa o caminho. O pensamento de alguns filósofos a respeito de felicidade na Filosofia: Demócrito, Tales de Mileto, Sócrates, Santo Agostinho, Kant, Locke, Leibiniz Russel, Spinoza, Pascal, Epicuro e Platão.

Capítulo – III – A Felicidade na concepção Aristotélica.

O que os seres humanos desejam é a felicidade. Mas em que consiste a felicidade? Nessa sua ética o ser humano tem que realizar virtuosamente naquilo que é natural, a sua razão, isto é, como fruto da razão. Viver bem é viver de acordo com o bom desenvolvimento do espírito racional. A questão fundamental de sua ética é a de como se deve agir é agir bem. A razão deve dirigir o cotidiano, para dominar emoções, paixões e criar bons hábitos, e a mediania entre as atitudes para estabelecer um equilíbrio.

“E mais não fuja da dor: para um psicólogo Steven Hayes, um dos mais polêmicos dos Estados Unidos é preciso aceitar a tristeza porque felicidade não é normal” (HAYES, 2006, p. 13).

INTRODUÇÃO

O homem é responsável pelos seus próprios atos devido seu ato de pensar, saber distinguir entre o bem e o mal.

O seu principal objetivo é contribuir na vida das pessoas, que tanto buscam essa felicidade, mas de uma forma irônica, erroneamente e saber que para conquistar a felicidade é preciso agir de acordo com o meio termo, o que significa ser feliz? Como viver feliz? Será possível definir a felicidade?

Sabemos que o fim último que buscamos é o sumo bem. Mas em que consiste esse bem? Aristóteles não tem dúvidas de que todos os homens desejam ser felizes, portanto considera que tal bem é a felicidade. Nós a buscamos não com a intenção de alcançar um outro bem, mas pelo bem que ela é em si. Mas, o que é a felicidade?

Para Aristóteles (2001), a atividade de pensar deve ser seguida da atividade de reflexão. Pensar sem refletir não tem nenhuma significação. O homem pode pensar e jamais refletir, não usando o seu intelecto. Mas isso não possui valor, apesar da reflexão não existir sem o pensamento, ela é mais importante que o simples pensar. Uma coisa é ter sensações, outra é ter “consciência” delas, sendo assim, o homem precisa pensar e necessariamente refletir.

Mas, o que é um bem para o homem? Alguma coisa é buscar o gênero a que pertence? A que gênero de vida refere-se a felicidade?

A felicidade do homem depende do saber dirigir bem a vida no sentido de conduzi-la ao fim para o qual foi projetada. Mas não devemos errar no que diz respeito as nossas opções, as nossas ações. O homem vale mais pelo que ele desenvolve por aquilo que procura pelo seu modo de vida (experiências de vida). A nobreza não se conquista nascendo, mas vivendo, sendo assim enchendo nossa vida de perspectivas exatas.

Para ser feliz o homem necessita ter amigos, pois a amizade é uma das mais fortes necessidades da alma e ainda ser livre, para viver conforme a razão. O homem nobre e virtuoso é um homem feliz, pois é praticando o bem que nos tornamos realizados e felizes.

A monografia será apresentada em três capítulos:

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPITULO I –	
Aristóteles: Definições anteriores da Felicidade.....	14
Suas principais obras.....	15
Noções de Felicidade.....	16
CAPÍTULO II	
A Felicidade e a Filosofia.....	18
CAPÍTULO III	
A Felicidade na concepção Aristotélica.....	21
CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

RESUMO

Esta monografia apresenta a tese de que a felicidade é o bem supremo e que foi sustentada várias vezes ao longo da história do pensamento ético. Foi Aristóteles quem primeiro sustentou que é o mais alto dos bens e que todos os homens almejam à felicidade.

As opiniões se divergem quanto à definição de felicidade e a maioria das pessoas pensa que se trata de algo como honra, riqueza e prazer, ou seja, muitos consideravam a honra, riqueza e o prazer como sendo a felicidade, mas Aristóteles vem dizer que todos são meios e não fins, isso nos leva a uma falsa felicidade e não o que ele denomina de sumo bem. Os gregos chamavam de felicidade e de eudaimonía.

O prazer para Aristóteles vem acompanhar a atividade do conhecimento, e que os prazeres verdadeiros estão ligados à atividade contemplativa. A riqueza basta ter o suficiente para uma vida saudável. A honra é algo exterior a nós, é concedida a nós por terceiros, ao passo que deveria ser algo intrínseco.

O fim para qual caminha a ação humana deve ser um fim último, um bem em si que é buscado por ele mesmo, o desejamos sem o interesse de outro algo.

Aristóteles se refere a felicidade como uma atividade que é peculiar, própria do homem, atividade da nossa mente, do intelecto, da razão, ou seja, através da contemplação.

Felicidade é agir de acordo com o meio termo, a virtude é a mediania, ou seja, em equilíbrio. Grande parte da felicidade do ser humano está confiada a sua liberdade livre no sentido de deliberar, refletir... e também precisa ter amigos, pois a amizade é uma das mais fortes necessidades da alma, amiga da nossa mente.

Palavras chaves: Razão, Contemplação, Reflexão, Liberdade, Felicidade.

Sua vida é uma simulação! Para ele, a vida é um teatro! A abelha não pode ser feliz, só o homem pode.

Desenvolver a habilidade de dar respostas criativas e corajosas no sentido de expressar os seus sentimentos e de realizar a sua vontade própria.

Conquistar segurança interna e possibilidade existencial através do exercício da afirmação dos desejos, vontades e projetos. Tornar-se autônomo: fazer pessoalmente as suas próprias escolhas e correr seus próprios riscos, assumindo o sofrimento dos erros e fracassos e o sabor dos acertos e vitórias. Criar-se e construir-se enquanto indivíduo realizar-se e ser feliz!

O homem que não escolhe torna-se indivíduo, vive fingindo que é uma abelha, repetindo-se metódica e sistematicamente. Sua vida é previsível, rotineira e monótona. Este é o homem deprimido e apático.

Ele é alienado! Não acredita que é livre ou que possa libertar-se.

É dependente! Não conta consigo mesmo. Não sabe que tudo na vida é relativo e passageiro.

Tem pouca auto-estima e frágil autoconfiança.

É escravizado! Não tem vontade própria. Realiza o desejo e a vontade dos outros e não os seus. Seu projeto de vida é projetado pelos outros.

É robotizado! Dá sempre uma resposta programada pelo outro.

Reproduz um rígido modelo determinado socialmente.

Segue padrões preestabelecidos. É carente e inseguro!

Quer que o outro lhe dê garantias, segurança e estabilidade no casamento, no emprego e nas relações sociais.

Não sabe que a garantia que lhe dão é falsa e que a segurança externa e a estabilidade constituem o pior risco, porque têm o preço da própria vida. É acomodado.

Escolher o pouco garantido pelo outro ao muito que dependa de suas próprias conquistas ou que envolva algum risco.

Prefere a indiferença da rotina ao dinamismo do amor. É derrotista e derrotado!

Não aceita correr risco. Quer que o outro decida por ele e se arrisque em seu lugar. Quando o outro aceita, fica com o lucro.

É irresponsável! Não se conhece e não se determina. É ingênuo!

Acredita que pode agir como uma abelha e ainda assim ser feliz. É inexistente!

O QUE É PRECISO PARA UM SER HUMANO TORNAR-SE INDIVÍDUO

Para Aristóteles “A razão de ser ato virtuoso é a felicidade”.

Mas o que é a felicidade e como podemos experimentá-la?

1-A abelha não pode ser feliz.

Ela não pode criar e nem recriar a si mesma, ou seja, ela não pode individualizar-se.

Ela não é feliz nem infeliz. Ela simplesmente é!

Ela não é livre e não tem vontade própria. Tem uma vida padronizada, igual a das outras abelhas.

Dá sempre uma resposta programada.

Durante o tempo ela repete um comportamento pré-determinado geneticamente.

Não tem a possibilidade de fazer escolhas e de correr riscos.

Não tem dúvidas. Não tem consciência da própria existência.

Não sente solidão, nem angústia.

Não se preocupa com o passado, nem com o futuro, não fica deprimida, nem ansiosa.

Não sabe que tudo na vida é relativo e passageiro. Nem ao menos sabe que vai morrer:

O ser humano pode ser feliz quando escolher ser autêntico e tornar-se um indivíduo.

O indivíduo não existe naturalmente. Ele tem que ser construído.

Somente o indivíduo pode ser feliz.

A felicidade não é produto da sorte, do destino, da herança genética ou social, nem de qualquer outra forma de determinação.

A felicidade tem que ser conquistada.

O homem conquista a felicidade aprendendo a aceitar e a expressar os seus desejos e sentimentos, transformando-os em vontade própria, com ela construindo seus próprios projetos de vida e empenhando-se para realizá-los.

2. Buscar se autoconhecer e se autodeterminar, transformando seus desejos em vontade e sua vontade em projetos de vida. Tornar-se responsável pelas próprias escolhas.

Faço parte da vida daqueles que acreditam na força do amor, que acreditam
que para uma história bonita não há ponto final.

Faço parte da vida daqueles que vivem cercados por pessoas como você,
pois viver assim é ser feliz!

Tudo no final sempre dá certo, se ainda, não deu é porque não chegou o final.

Por isso, acredite sempre na família, acredite no tempo, na amizade na
sabedoria e, principalmente no amor.

Aí, com certeza, um dia eu, a felicidade, baterei à sua porta!!!

Tenha tempo para os sonhos eles conduzem sua carruagem para as estrelas.

Tenha um ótimo dia!!!

E não esqueça...

Sorria...

Sempre!!! E...

Seja muito feliz!!!

Faço parte da vida daqueles que têm amigos, porque quem tem amigos é ser
feliz!!!

aprendemos a compartilhar nossos ideais, a entender as pessoas e conviver com as diferenças, observações carinhosas, conselhos, consolo, pela palavra amiga.

A nossa saudade e a esperança de reencontro aos que por vários motivos nos deixaram seguindo outros cominhos. Jamais nos esqueceremos das experiências que vivemos juntos. Que esse até breve jamais se transforme num adeus!

Oi!!!

Meu nome é...

Felicidade!!!

Eu sou casada sabia?

Sou casada com o tempo.

Ele é responsável pela resolução de todos os problemas.

Ele reconstrói amor, ele cura machucados, ele vence a tristeza...

Justos, eu e o tempo tivemos 3 Filhos.

A amizade é uma menina linda, sincera, alegre. Brilha como o sol.

Une pessoas, pretende nunca ferir, sempre consolar.

A do meio é a sabedoria, culta, sempre foi mais apegada ao pai, o tempo.

A sabedoria e o tempo andam sempre juntos!

O caçula é o amor.

Ah! Como esse me dá trabalho!

É teimoso, às vezes decide encontrar apenas um amor...

Eu vivo dizendo: amor, você foi feito para unir dois amores, e não infiltrar-se em apenas um.

O amor é complexo, mas é lindo, muito lindo.

Quando ele começa a fazer estragos eu chamo logo o pai dele, o tempo e aí o tempo sai fechando todas as feridas que o amor abriu!

Faço parte da vida daqueles que acreditam que ontem é passado, amanhã é futuro.

Hoje é uma dádiva, e por isso é chamado PRESENTE.

Lidimos inspiradores do ideal a que consagramos a vida, a expressão do meu reconhecimento.

Nossos guias, que me prepararam para o desempenho de uma nobre missão. Tenham certeza de que sem vocês, não teria horizonte, nossas noites não teriam estrelas, nossas almas não teriam saúde, nossas emoções não teriam alegria...

O mundo pode não nos aplaudir, mas o conhecimento mais lúcido da ciência tem de reconhecer que vocês são os profissionais mais importantes... Vocês são os mestres da vida.

Àqueles que transmitiram seus conhecimentos de experiências profissionais e de vida com dedicação e carinho, que guiaram para além das teorias, da filosofia, e dos técnicos, colocando em nossas mãos as ferramentas com as quais abriremos nossos horizontes, rumo a satisfação plena de nossos ideais profissionais e humanos somos hoje mais que amigos, tornamos-nos colegas de profissão.

Àqueles que passaram por nós e fizeram sua história, mas que foram ser exemplos, em outros lugares... Àqueles que permaneceram no decorrer de todo o curso, sendo companheiros, amigos, certamente as histórias de vocês serão edificadas aqui..., dentro de nossos corações e servirão de referências para todos. Expresso o meu maior agradecimento e o meu profundo respeito... Muito obrigada!

Aos meus colegas.

Precisa-se de um amigo que diga que vale a pena viver, não porque a vida é bela, mas porque já se tem um amigo. Para se parar de chorar. Para não se viver debruçado no passado em busca de memórias perdidas. Que nos bata nos ombros sorrindo ou chorando, mas que nos chame de amigo para ter-se a consciência de que ainda se vive. O perene recordar de uma amizade sincera.

A minha amizade àqueles que nos apoiaram nos bons e maus momentos pela partilha de conhecimentos... Os meus perdões àqueles que por motivos alheios à minha vontade, não nos compreenderam, nem se fizeram compreender.

O universo é um conto de solidariedade nada e ninguém pode existir por si apenas.

Por isso, faz-se indispensável meus agradecimentos: vocês contribuíram para minha conquista...

Colegas, a vida é feita de momentos felizes ou tristes, mas que vão conosco para toda a vida. Cada dia que passamos juntos nos uniu de alguma forma,

AGRADECIMENTOS

Deus: Doador de todas as graças, minha eterna gratidão pelo dom precioso que me concede...

Enquanto percorria o meu caminho rumo a um crescimento maior, por vezes deparei com a angústia existencial que assolava o meu íntimo, com questionamentos sem respostas, busca sem encontro: foi quando elevei os olhos para o alto, recebendo de Deus a instrução para o caminho da verdadeira sabedoria, dando-me o dom do discernimento para uma melhor compreensão da vida e da filosofia. Obrigado Senhor, por tornar possível a concretização do meu ideal dando-me além da vida, amor e forças para chegar até aqui, de onde meus colegas e eu, partiremos por caminhos diversos, mas sempre na tua presença iluminando nosso futuro.

Na procura do meu ideal percorri veredas com passos tímidos e inseguros e tu, com tua grandiosidade, me fizeste substituir, aos poucos, as incertezas pela segurança, o medo pela vitória. Só me resta então, agradecer infinitamente...

Abençoa-me! E à minha família!

O amor levou meus pais a correr todos os riscos do mundo por minha causa. Vocês me deram tudo... Vocês deixaram seus sonhos para que eu pudesse sonhar. Derramaram lágrimas para que eu fosse feliz. Minha dívida é impagável! Eu lhes devo o amor e tudo o que sou.

A vocês que me incentivaram, me apoiaram e sempre caminharam ao meu lado, me estenderam as mãos fazendo-me forte e perseverante para vencer o trabalho e continuar indo em busca do meu sucesso.

A quem cabe por justiça e por direito, os louvores de minha vitória e os méritos, endereço meu respeito e gratidão.

Saibam que seria muito difícil sem vocês...

Obrigada por essa vida.

A vocês o meu troféu, os meus maiores e mais sinceros parabéns. Essa vitória é de vocês.

Meus sinceros agradecimentos, Deus lhes pague!

Aos mestres.

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação monográfica primeiramente a Deus, nosso Pai e criador do cosmo que, como autor da minha vida, deu-me o dom da existência e me iluminou nos momentos difíceis da minha jornada.

A meus pais, pessoas especiais que fazem de minha vida uma forma muito significativa, e que com paciência souberam superar minha ausência, rezaram por mim durante meus estudos. Sempre torceram por mim, e estão muito felizes por eu chegar ao fim do curso com o devido mérito.

A meus irmãos, que nunca mediram esforços, auxiliando-me e aconselhando em que caminho devo seguir... e que acreditaram sempre em meu potencial.

A meu amigo de amizade colorida, cuja alma tão cheia de beleza, ternura e paixão, sempre me colocou a filosofar...

A meus mestres que me ensinaram com paciência e amor! Mas que souberam também me criticar na hora certa, uma crítica construtiva para o meu desenvolvimento...

A minha madrinha que de alguma forma, contribuiu para o meu crescimento, uma pessoa iluminada por Deus que me proporcionou a oportunidade de trabalho e também aos colegas de sala e amigos pelo apoio e incentivo.

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Data: 19 de maio de 2006

Hora: 19:15 h

Local: Sala do 7º período de Filosofia

Acadêmico(a): MARIA PATRÍCIA LOPES

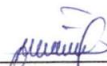
Tema: Felicidade em Aristóteles

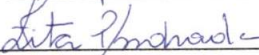
Componentes da Banca:

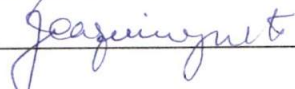
Orientador(a): José Geraldo da Trindade

Zita Pires de Andrade

Pe. Joaquim José Neto







Nota: 99

Rubiataba, 18 de maio de 2006.

Pe. Joaquim José Neto
Coordenador do curso

MARIA PATRÍCIA LOPES



A FELICIDADE NA ÓTICA ARISTOTÉLICA

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Filosofia

Orientação: Prof. José Geraldo da Trindade.

RUBIATABA - GO

2006

30634
Soeri

Tombo nº	13615
Classif.:
Ex.:	1.....
Origem:	da.....
Data:	21.08.08

Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba

MARIA PATRÍCIA LOPES

A FELICIDADE NA ÓTICA ARISTOTÉLICA

RUBIATABA - GO

2006